

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

FUNDAMENTOS DO DESIGN INSTRUCCIONAL E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO DIGITAL

DOI: 10.5281/zenodo.17015178

Vanessa Aparecida Calixto Viana

Graduação em Pedagogia. Especialização em Psicopedagogia, Psicologia dos Contos de Fadas e Arte de Contar História. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University.
calixtovianavanessa@gmail.com

RESUMO: Pensar o design instrucional à luz da educação digital exige deslocar a atenção da técnica para o gesto. Mais do que classificar abordagens, interessa compreender o que se produz quando o planejamento pedagógico encarna escolhas éticas, epistemológicas e formativas. Este trabalho toma como objetivo os fundamentos que sustentam o design instrucional na contemporaneidade, examinando como se articulam às experiências de aprendizagem em ambientes mediados por tecnologia. Longe de se restringir à organização de conteúdos, o design é aqui compreendido como linguagem que interfere nas formas de relação, presença e construção do saber. A investigação, conduzida por método qualitativo e pesquisa bibliográfica, opera por aproximação entre referenciais críticos e práticas de formação, iluminando tensões entre estrutura e vivência. Não se pretende traçar caminhos ideais, mas provocar fissuras no automatismo com que se aplica o design em ambientes digitais. Ao articular fundamentos e experiências, o texto convoca o educador a reinscrever o planejamento como campo de escuta, abertura e responsabilidade. A tecnologia, nesse contexto, só se converte em instrumento pedagógico quando atravessada por um compromisso ético com o sujeito que aprende.

Palavras-chave: Design instrucional. Planejamento Pedagógico. Tecnologia.

ABSTRACT: Thinking about instructional design, considering digital education requires shifting attention from technique to gesture. Rather than classifying approaches, it is important to understand what is produced when pedagogical planning embodies ethical, epistemological and formative choices. This work aims to examine the foundations that support instructional design in contemporary times, examining how they are linked to learning experiences in technology-mediated environments. Far from being restricted to the organization of content, design is understood here as a language that interferes in the forms of relationship, presence and construction of knowledge. The investigation, conducted using a qualitative method and bibliographic research, operates by bringing together critical references and training practices, illuminating tensions between structure and experience. The aim is not to outline ideal paths, but to provoke fissures in the automatism with which design is applied in digital environments. By linking foundations and experiences, the text calls on educators to reinscribe planning as a field of listening, openness and responsibility. In this context, technology only becomes a pedagogical instrument when it is accompanied by an ethical commitment to the learner.

Keywords: Instructional design. Pedagogical planning. Technology.

1 Introdução

A produção pedagógica na contemporaneidade exige repensar os modos de planejar, ensinar e formar. Diante de ambientes digitais cada vez mais complexos, o design instrucional não pode se reduzir a técnica ou protocolo. Ele precisa ser compreendido como linguagem estruturante da experiência, como campo em que ética e epistemologia se entrelaçam. Ensinar, nesse contexto, é desenhar percursos sensíveis entre saberes, sujeitos e tecnologias, sustentando vínculos em meio à fragmentação.

Pensar o design instrucional à luz da educação digital exige deslocar a atenção da técnica para o gesto. Mais do que classificar abordagens, interessa compreender o que se produz quando

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

o planejamento pedagógico encarna escolhas éticas, epistemológicas e formativas. Este trabalho toma como objetivo os fundamentos que sustentam o design instrucional na contemporaneidade, examinando como se articulam às experiências de aprendizagem em ambientes mediados por tecnologia.

A investigação, conduzida por método qualitativo e pesquisa bibliográfica, opera por aproximação entre referenciais críticos e práticas de formação, iluminando tensões entre estrutura e vivência. Não se pretende traçar caminhos ideais, mas provocar fissuras no automatismo com que se aplica o design em ambientes digitais. O que está em jogo não é a técnica em si, mas o que ela carrega de projeto, de presença, de escuta.

O design instrucional não opera apenas como estruturação didática. Ele interfere na forma como os sujeitos se situam, se relacionam e se tornam aprendizes. Ao articular planejamento, linguagem e presença, o design se torna mediação entre o tempo da aprendizagem e a urgência dos dispositivos. Nesse campo tensionado, cada escolha pedagógica é também um gesto de afirmação sobre o que se entende por formação.

Ambientes digitais, por sua velocidade e plasticidade, oferecem possibilidades ricas de reinvenção pedagógica. Contudo, quando aplicados de forma acrítica, tornam-se instrumentos de repetição e apagamento da experiência. O design instrucional que ignora os sujeitos acaba por instrumentalizá-los. É por isso que os fundamentos epistemológicos do planejamento devem ser continuamente interrogados, reposicionados e abertos ao inédito que a aprendizagem convoca.

Este trabalho procura construir um diálogo entre as bases teóricas do design instrucional e as experiências formativas produzidas nas interações com a tecnologia. Ao analisar pressupostos e vivências, o texto busca provocar um deslocamento do modelo funcional para uma perspectiva relacional e crítica. O planejamento, nesse sentido, não é mero procedimento técnico, mas gesto formador – e só adquire densidade quando sustentado por ética, linguagem e escuta.

2 Pressupostos Teóricos e Epistemológicos do Design Instrucional na Contemporaneidade

O design instrucional, quando considerado apenas como técnica de organização do ensino, perde sua potência formativa. Seus fundamentos, porém, vão além da estrutura: estão inscritos em decisões éticas, epistemológicas e políticas. Planejar uma experiência de aprendizagem é mediar temporalidades, subjetividades e sentidos. É nesse entrelaçamento entre forma e presença que o design se transforma em linguagem crítica, capaz de sustentar vínculos

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

pedagógicos em contextos digitais complexos.

Moore e Kearsley (2008, p. 26) destacam que “a distância na educação não é apenas física, mas relacional”. Essa afirmação reposiciona o planejamento como prática de aproximação simbólica. O design instrucional, ao considerar as múltiplas formas de presença, interfere diretamente na constituição do espaço formativo. Não se trata de preencher lacunas com conteúdo, mas de construir cenários nos quais o sujeito se reconheça como participante do processo de aprendizagem.

A epistemologia do design não repousa em modelos universais, mas na escuta dos contextos. Cada ambiente de aprendizagem convoca respostas distintas, e o planejamento deve ser capaz de integrar técnica e singularidade. Mais do que aplicar fórmulas, o designer instrucional precisa operar como mediador entre o projeto pedagógico e a experiência do aluno. Esse papel exige sensibilidade para o inacabado e atenção ao gesto.

Pandini (2021, p. 52) observa que “o planejamento deve ser compreendido como prática dialógica e coautorial, e não como imposição de estruturas”. Essa concepção desloca o foco do controle para a criação compartilhada. O design, então, não é ferramenta neutra, mas prática comprometida com as condições de aprendizagem. Sua fundamentação epistemológica está na abertura à complexidade, na escuta ativa e no respeito às trajetórias formativas dos sujeitos envolvidos.

Pandini (2021, p. 54), em suas ponderações, explica que:

A concepção do trabalho de design da EaD está ancorada na premissa de que os sujeitos envolvidos devem ser valorizados enquanto autores de sentidos e significados. [...] O design é visto como prática que atravessa todas as etapas da experiência educativa e exige escuta, afeto e construção conjunta. Trata-se de um exercício de articulação entre estrutura e subjetividade, técnica e sensibilidade, que deve respeitar as singularidades dos percursos formativos.

Essa concepção reafirma que o design instrucional não se sustenta apenas pela técnica, mas pela forma como ela é habitada. Estruturar conteúdo é apenas parte do processo; o que torna o planejamento pedagógico potente é sua capacidade de construir sentidos. Ao articular estrutura e subjetividade, o design se torna campo de escuta e de presença, onde o conhecimento ganha densidade pela relação.

Moore e Kearsley (2008, p. 45) afirmam que “a autonomia do aluno depende da qualidade do vínculo estabelecido pelo design instrucional”. Isso significa que a liberdade de aprender não se dá em vazio, mas em ambientes que acolham a singularidade. O planejamento, portanto, precisa ser intencionalmente configurado para promover interações significativas, e não apenas transmissões eficientes. A aprendizagem depende do espaço simbólico que a sustenta.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Planejar não é antecipar todas as respostas, mas construir perguntas que mantenham o processo em movimento. O design instrucional ético se reconhece como linguagem inacabada. Ele organiza sem fixar, conduz sem impor, escuta sem silenciar. Seu fundamento não está na normatização do percurso, mas na abertura para o que o sujeito pode produzir a partir do encontro com o conhecimento.

Pandini (2021, p. 56) adverte que “ambientes digitais exigem mais do que recursos: exigem postura ética diante das possibilidades que se oferecem”. Essa advertência reposiciona o planejamento como campo político. O que se escolhe destacar, omitir, vincular ou excluir tem efeitos sobre os modos de ensinar e de aprender. O design não é neutro: é sempre linguagem que comunica valores e intencionalidades formativas.

A epistemologia do design instrucional, quando atravessada pela escuta, transforma-se em metodologia crítica. Ela acolhe o múltiplo, negocia com o imprevisível e legitima os saberes produzidos na prática. Nesse horizonte, planejar é sustentar a possibilidade do outro se formar sem ser reduzido. Os fundamentos do design, então, não se esgotam na técnica, mas se inscrevem na ética do gesto pedagógico que o conduz.

3 Experiências de Aprendizagem Mediadas por Tecnologia: Potencialidades e Ambivalências

A mediação digital tem transformado as experiências formativas em múltiplas direções. As potencialidades tecnológicas não se esgotam nos recursos, mas nos modos como os sujeitos são convidados a aprender. O design instrucional, nesse processo, atua como elo entre a intenção pedagógica e a experiência vivida. Suas escolhas impactam diretamente no vínculo, na escuta e na possibilidade de significação em ambientes mediados por telas, algoritmos e interações nem sempre simétricas.

Ferreira, Soares, Hummel e Mello (2014, p. 5) destacam que “o designer instrucional tem como responsabilidade garantir a coerência entre os objetivos do curso e os meios de mediação utilizados”. Tal coerência não se restringe à seleção de plataformas, mas exige um olhar atento às formas de interação. Projetar experiências de aprendizagem em contextos digitais requer sensibilidade para a linguagem, para o tempo do outro e para as formas de presença possíveis.

Ao planejar para o digital, o risco é cair na sedução da eficiência. Automatizar, aqui, não significa necessariamente facilitar: pode implicar esvaziar a experiência formativa. Quando o design instrucional se torna padronização, perde sua força mediadora. É preciso devolver ao planejamento sua densidade simbólica, sua abertura ao imprevisível e seu compromisso com a

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

formação enquanto gesto ético e não apenas funcional.

Bezerra e Carvalho (2011, p. 96) afirmam que “as experiências formativas mediadas por tecnologia devem preservar o caráter relacional e o vínculo entre os sujeitos”. A tecnologia, quando não tensionada por essa dimensão ética, transforma-se em filtro, e não em ponte. O designer instrucional ético precisa interrogar constantemente os efeitos de suas escolhas, compreendendo que desenhar o percurso é também desenhar o modo de estar com o outro.

Ferreira et al. (2014, p. 8) ressaltam que:

O designer instrucional é o responsável por dar o apoio pedagógico, especialmente nas etapas de planejamento, desenvolvimento e avaliação, de modo que o conteúdo do curso seja motivador e propicie ao aluno a construção colaborativa do conhecimento mediado pelas tecnologias. Disso depreende-se que o designer instrucional desempenha um papel estratégico na equipe multidisciplinar no sentido em que cabe a ele gerenciar a comunicação entre todos os envolvidos em projetos de cursos de EaD.

A potência deste trecho está em articular mediação, motivação e construção coletiva do conhecimento. O papel do designer instrucional é menos de controle e mais de cuidado: ele sustenta a arquitetura simbólica que permitirá ao sujeito se engajar com o saber. Ao promover contextos colaborativos, rompe-se com a lógica transmissiva e amplia-se a experiência como espaço de invenção e pertencimento.

Bezerra e Carvalho (2011, p. 101) chamam atenção para o fato de que “a mediação exige do educador a escuta, o acompanhamento e a capacidade de reagir ao inesperado”. Essa escuta, quando incorporada ao design, transforma o ambiente digital em lugar de presença. Aprender deixa de ser um processo individualizado para tornar-se experiência partilhada. Planejar, nesse sentido, é criar as condições para que o encontro seja possível, mesmo à distância.

A ambivalência das experiências mediadas está em sua dupla possibilidade: podem ampliar horizontes, mas também esvaziar a formação se utilizadas de forma acrítica. Por isso, o design instrucional precisa ser guiado por uma ética da complexidade. Sua função não é mapear trajetos ideais, mas acolher percursos plurais, respeitar a diferença e sustentar a escuta. A técnica, sem intenção formativa, não produz sentido — apenas repetição.

O desafio, portanto, está em não perder a dimensão humana da aprendizagem diante da sedução do digital. Plataformas, objetos interativos e inteligência artificial devem ser ferramentas, não fins. O design instrucional, quando operado com consciência crítica, pode reposicionar o tempo da formação como espaço de relação, de criação e de cuidado. Só assim as experiências se tornam vivas, e não apenas funcionais.

A mediação tecnológica, quando comprometida com a formação, exige mais do que domínio técnico: exige clareza ética e sensibilidade pedagógica. As ambivalências não são

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

obstáculos, mas sinais de que o processo está vivo. Cabe ao design sustentar essa tensão, criar espaços de ressignificação e manter aberta a pergunta sobre o que significa formar sujeitos em tempos digitais. Onde há escuta, há potência de aprendizagem.

4 Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi investigar como os fundamentos teóricos e epistemológicos do design instrucional se articulam às experiências de aprendizagem mediadas por tecnologia. A pesquisa, de natureza qualitativa e fundamentação bibliográfica, optou por entrelaçar perspectivas críticas que permitissem pensar o planejamento pedagógico não como técnica, mas como gesto formativo. Nesse trajeto, tornou-se inadiável recolocar em pauta a escuta, a presença e a responsabilidade como eixos do que ainda pode ser educar.

Ao retomar o objetivo delineado, reafirma-se que pensar o design instrucional na contemporaneidade exige mais do que domínio técnico ou fluência digital. As experiências analisadas revelaram uma tensão constante entre autonomia e padronização, escuta e desempenho, vínculo e automatização. Não se trata de rejeitar a tecnologia, mas de reinscrevê-la em horizontes formativos que sustentem a dignidade do sujeito. Planejar, nesse sentido, é sempre um ato ético — jamais neutro, nunca previsível.

Referências Bibliográficas

BEZERRA, M. A.; CARVALHO, A. B. G. Tutoria: concepções e práticas na educação a distância. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011. p. 93–112.

FERREIRA, M. A. S.; SOARES, L. A.; HUMMEL, T. L.; MELLO, R. M. A. V. O designer instrucional na educação a distância. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2014. p. 77–91.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. *Educação a distância: uma visão integrada*. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

PANDINI, C. M. C. O trabalho do design da EaD: uma abordagem humana e colaborativa. *Plurais – Revista Multidisciplinar*, v. 6, n. 3, p. 53–73, 2021.